

ANJ

 ASSOCIAÇÃO
 NACIONAL DE JORNALIS

IVZ

 INSTITUTO VERIFICADOR
 DE JORNALIS

 SISTEMA ATRIBUNA
 DE COMUNICAÇÃO


121 ANOS

ATRIBUNA

 FUNDADA EM 26 DE MARÇO DE 1894
 M. Nascimento Jr. (1909-1959)
 Giusfredo Santini (1959-1990)
 Roberto Mário Santini (1990-2007)

MARCOS CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Presidente

ROBERTO CLEMENTE SANTINI
 Diretor-Vice-Presidente

RENATA SANTINI CYPRIANO
 Diretora de Marketing

FLAVIA CLEMENTE SANTINI
 Diretora de Circulação

PAULO NAEF
 Diretor-Superintendente

ARMINDA AUGUSTO
 Editora-Chefe

MÁRCIO DELFIM LEITE SOARES
 Gerente Comercial e Marketing

MARCO ANTONIO DA COSTA
 Gerente Industrial

A problemática entrada de Santos

Há muito tempo há sérios problemas na entrada de Santos, com congestionamentos frequentes, tanto no sentido São Paulo (com a Avenida Martins Fontes paralisada) quanto no sentido de Santos (com longas filas, por quilômetros, na Via Anchieta).

Existem dois complicadores básicos: o grande tráfego de caminhões em direção do Porto de Santos e o fluxo contínuo de pessoas, em carros particulares e ônibus, indo e vindo da Zona Noroeste. Além disso, a grande quantidade de veículos que diariamente utilizam a Via Anchieta, especialmente nos horários de pico, contribui ainda mais para agravar a situação.

As consequências são enorme perda de tempo nos deslocamentos, seja de cargas, seja de pessoas. Todo esse gigantesco tráfego encontra o enorme gargalo da entrada de Santos, fazendo com que prejuízos no transporte aconteçam todos os dias, além do estresse daqueles que são submetidos aos congestionamentos frequentes.

A Prefeitura de Santos elaborou grande projeto para resolver, de vez, o problema. Trata-se de intervenção múltipla, que compreende: viadutos com acesso direto à Alemoa e Porto; implantação de um sistema binário com mão única nas marginais da Anchieta; acesso direto à Zona Noroeste, cruzando o rio São Jorge; ampliação do atual viaduto da Alemoa com duas novas alças de acesso; e dois viadutos na entrada da cidade: um ligando a Via Anchieta à Av. Martins

Fontes e outro entre esta avenida e a Nossa Senhora de Fátima.

Tal conjunto de obras resolveria, de vez, o problema. Traria melhor acesso ao Porto e à área industrial da Alemoa, ligaria a Zona Noroeste à Via Anchieta, desafogando a Av. Nossa Senhora de Fátima, e eliminaria o atual gargalo (semáforo com três tempos) na entrada da Cidade. Essa intervenção é absolutamente prioritária e fundamental para garantir condições adequadas de acesso ao Porto, bem como garantir qualidade de vida à população local, além, é claro, de beneficiar os turistas e visitantes (inclusive de negócios) que vêm a Santos com frequência cada vez maior.

Não é fácil, porém, realizar tais obras. Os custos são altos e envolvem três esferas da administração pública: federal, estadual e municipal, que precisam se entender entre si. A Prefeitura de Santos anuncia que vai fazer a sua parte: com investimento de R\$ 200 milhões, pretende licitar ainda este ano o viaduto ligando as avenidas Nossa Senhora de Fátima e Martins Fontes, bem como o viaduto e ponte sobre o rio São Jorge.

É preciso garantir que os governos federal e estadual também destinem recursos para essas obras. Em reunião, ocorrida em Brasília, com o ministro dos Portos, César Borges, e o secretário estadual de Transportes, Clodoaldo Pelissioni, o prefeito Paulo Alexandre Barbosa recebeu garantias sobre as verbas. Espera-se que isso seja cumprido, sem demora.

Petrobras, o escândalo

Depois que o ex-diretor de Abastecimento e Refino da Petrobras, Paulo Roberto Costa, preso pela operação Lava Jato, da Polícia Federal, resolveu abrir a boca, a insônia deve ter se tornado a companheira de muitos nomes de peso na política nacional. A começar pelos presidentes Dilma Rousseff, Marina Silva e Aécio Neves, que se não estão diretamente envolvidos nas denúncias podem receber os respingos da lama que vem sendo remexida ao vir à tona o esquema de lavagem de dinheiro e evasão de divisas.

Os casos da compra da refinaria de Pasadena, nos Estados Unidos, por um valor muito acima da realidade, e da construção da Refinaria Abreu e Silva, em Pernambuco, cujo valor teria saltado de US\$ 2,5 bilhões para US\$ 20 bilhões, estão agora na berlinda. O esquema é antigo. Teria sido montado por Costa entre 2004 e 2012 e envolveu, segundo as primeiras revelações acerca da delação premiada, os presidentes da Câmara, deputado Henrique Alves, e do Senado, Renan Calheiros, bem como a governadora Roseana Sarney, os ex-governadores Sérgio Cabral e Eduardo Campos, o ministro das Minas e Energia, Edison Lobão, o ex-ministro das Cidades, Mário Negromonte e o tesoureiro nacional do PT, João Vaccari Neto.

O assunto é muito grave. Afeta a Petrobras, cuja reputação é arranhada, exatamente em um momento importante de sua história, quando a exploração e produção de petróleo e gás no pré-sal brasileiro começam a decolar e exigir investimentos da empresa. Seu patrimônio e credibilidade internacio-

nais são atingidos, e não passa despercebido o fato que, após as denúncias, as ações da companhia tiveram queda de quase 5% em um único dia.

Os estragos políticos são imensos e ninguém sai ileso da questão. Na corrida presidencial, a presidente Dilma Rousseff declarou que desconhecia a existência de algum "malfeito" na Petrobras, mas acaba sendo atingida diretamente pelo escândalo, até porque seu partido, o PT, também está envolvido no caso. A denúncia contra Eduardo Campos acerta o PSB, e, por consequência, Marina Silva. Mesmo Aécio Neves, cujo partido parece não estar envolvido no esquema, não escapa, na medida em que são imediatamente recordadas situações incômodas, como o chamado mensalão de Minas Gerais, que forçou a renúncia do deputado e ex-governador Eduardo Azeredo, ou as denúncias sobre propinas nas compras de trens em São Paulo.

A sensação é de corrupção generalizada. Ela existe, sem dúvida, e precisa ser combatida com a punição dos responsáveis. Mas há um fator decisivo que agrava a questão no País: o chamado presidencialismo de coalizão, que obriga todos os governantes a negociar a todo custo para conseguir governar.

Uma reforma política que reduza o número de partidos (32!) e assegure maior governabilidade é essencial. Não se trata de impedir a livre manifestação das ideias: criar partidos deve ser livre, mas seu funcionamento deve estar condicionado a um apoio mínimo e real, como existe em vários países do mundo.

Do leitor

As cartas enviadas à *Tribuna do Leitor* devem conter nome, endereço, telefone e RG. O tamanho dos textos não pode ultrapassar 900 toques, incluindo os espaços. As cartas que não obedecerem esta orientação serão desconsideradas, bem como e-mails anexados.

E-MAIL
 leitor@atribuna.com.br

ATENDIMENTO AO LEITOR
 Telefone: 0800-727 7710

REDAÇÃO
 Rua João Pessoa 129, 3º andar, Centro Santos,
 São Paulo. CEP 11013-900

Cursos de Medicina

A notícia divulgada em 08 de setembro, sobre a decisão do governo em abrir mais faculdades de Medicina e muito mais residências, em Guarujá e Cubatão, nada contra essas cidades ou sua população, longe de mim qualquer comportamento corporativo, mas uma faculdade de medicina não é só prédio e laboratórios.

São necessários professores universitários, hospital de ensino ou hospital-escola que precisa ser tocado pelos mesmos.

Uma promessa como essa é consequência de quem não entende nada de ensino médico, nem de governo.

Os ministros da Educação e da Saúde, recém-chegados e sonhando em continuar nos próximos quatro anos, devem ter assinado em branco essa proposta.

Se o governo pensa em criar faculdades e residências cubanas acabará por exportar nossos médicos para a África...

GEORGE BITAR - SANTOS

Sistema prisional

De que adianta um novo governador, novo delegado, novos policiais, se com as atuais leis fica tudo muito difícil. Precisamos, sim, mudar as leis penais, acabar com penas em anos de cadeia, pois o infrator nos causa prejuízos e, com a condenação, aumenta ainda mais as despesas. As penas têm que ser indenizatórias para a sociedade. Devem-se abrir penitenciárias de trabalho onde o condenado produza até pagar os prejuízos causados à vítima; após, deveria

produzir até pagar as despesas contraídas com o Estado e estadia, e somente depois, seria posto em liberdade. Não adianta prender, pois isso só aumenta nosso prejuízo. Nas penitenciárias de trabalho, privadas, não haveria impostos, para viabilizar rapidamente a construção; não haveria muros, os presos usariam braceletes e ships localizatórios e que, ao sair da área permitida emitiriam sons de alerta, tudo sem muitos gastos.

ALGIRDAS EMILIO SIPAVICIUS - SANTOS

Ciclovia Canal 4



Como é sabido, o número de veículos motorizados é superior à quantidade de bicicletas em circulação na Cidade. O espaço da ciclovia em construção no Canal 4 vai avançando no leito carroçável da avenida, afunilando ainda mais o que é destinado à circulação de veículos num local de intenso movimento. É um paradoxo ilógico e irracional do autor da obra, visto que existe hospital e comércio no trajeto o que irá prejudicá-los se adotarem

Tribuna Livre

REGINA ALONSO. Escritora, integrante das academias Santista de Letras Casa de Martins Fontes e Vicentina de Letras, Artes e Ofícios Frei Gaspar da Madre de Deus

O muro

Não me refiro ao Muro de Berlim, que durante 28 anos, até 1989, cortou a ex-capital do Reich alemão em duas partes, cada uma governada por regimes políticos ideologicamente inimigos. Mais de três milhões de pessoas, numa situação de verdadeira esquizofrenia geopolítica, padeceram uma experiência impar na história moderna. Não me refiro à Muralha da China, que consiste de diversas muralhas erguidas ao longo de quase dois milênios (início em 220 AC - término no Século XV), ocupando a mão de obra de cerca de um milhão de operários. Muitos, entre soldados, camponeses e prisioneiros, faleceram durante a construção. Tudo em nome da defesa, no passado; mas o paredão não impediu as incursões dos inimigos. E no presente?... A Grande Muralha é um símbolo da China e uma atração turística.

Muro ou muralha, por definição é divisória. Prefiro dizer que o muro a que me refiro é a escalada e a pausa para a surpresa antevista por Pagu: quero ir alto, bem alto; espier o que há do outro lado... alguma coisa espera por mim. Assim é, não de imediato, pois é preciso criar a estratégia para escalar, vencer a subida. Logo que está à frente ou dentro, no pulsar do coração da morada, você descobre o muro. É o momento de observá-lo, sentir a aspereza da parede e a brancura da cal como se fosse uma bandeira branca de paz. A casa habitada precisa de alento e expansão, respira fundo, atravessa seus



cômodos, porões-labirintos e chega à muralha.

Não é divisória para ser derrubada. Apenas sinaliza a pausa, o tempo a escorrer nos quintais conjugados, entre brincadeiras e vozes de crianças, latidos de cães, canções de lavadeiras, aromas de flores da primavera e frutos que restaram do outono. É preciso ter imaginação para que a travessia aconteça com sucesso: são meninos ou meninas, loiros, negros, morenos, sardentos?... O cão é grande pelo latido forte, mas não temos medo, o cotidiano já nos mostrou que isso não quer dizer que o animal é feroz. A lavadeira canta, enquanto pendura as roupas no varal: lençóis, toalhas, roupas pessoais? Tudo nos conta histórias que decodificamos com o coração ansioso pela

a proibição de estacionamento ao longo da avenida. No entanto, o canal imexível continua com seu espaço imponente inútil em detrimento da mobilidade urbana necessária nos tempos modernos. Nada contra as bicicletas ou outro meio alternativo de locomoção, mas deve-se respeitar o *status quo* daquilo que já existe.

ROBERTO XAVIER - SANTOS

Mudar ortografia

É uma afronta ao cidadão brasileiro o ridículo, inoportuno e desnecessário projeto votado no Congresso Nacional visando modificar "ç", "ch" e "ss" na ortografia da língua portuguesa utilizada no Brasil. Considerando que 75% dos brasileiros entre 14 e 65 anos de idade são analfabetos funcionais, ou seja, não sabem interpretar ou criar um simples texto, é fácil presumir que necessitamos de uma reforma educacional generalizada e principalmente da valorização dos professores ao invés de adequar a ortografia para aqueles que não aprendem o básico nas escolas. Ainda mais vergonhoso é o fato de senadores e deputados custarem praticamente R\$ 1 milhão por hora de "trabalho" ao contribuinte e desperdiçarem esse tempo valioso de um país pobre em discussões inúteis, enquanto projetos importantes ao desenvolvimento da nação continuam engavetados. Infelizmente essa prática é compreensível devido aos princípios maquiavélicos que regem a política brasileira desde a Proclamação da República.

DANIEL MARQUES - SÃO PAULO

descoberta do outro, do vizinho, da acolhida...

Até que um dia alguém se encoraja, sobe na cadeira, chega ao topo do muro e desce o olhar. No gramado a roupa branca ao sol, borboletas em pouso nas dalias e crianças entre carrinhos, bolas, bonecas, bambolês... O outro sente que está sendo observado, mas não há invasão da privacidade: ergue os olhos e sorri. Eis o momento mágico em que a barreira se quebra e o muro "vai ao chão", pois não cumpre mais a vocação para separar e sim, faz-se para descobrir o outro e a nós mesmos. Cadeiras de um lado e de outro, nas tardes modorrentas, quando a conversa se arrasta. O pai cochila, a mãe arruma a cozinha, os filhos mais velhos estão na escola... mas sempre há alguém encarapitado no muro a passar tijelas para experimentar outras receitas e ouvir a novidade sobre a roseira - brotou nesta manhã!

Põe-se o sol. Os "invasores" carregam as cadeiras aos seus lugares, em volta da mesa, na cozinha. Um galo cacareja do outro lado do muro; na varanda, alguém olha a rua... A noite traz os trabalhadores de volta à casa. Em alvoroço, crianças vão ao banho, ensaboadas pela tia-avó. A velha canta enquanto põe o pijama nos pequenos; arruma os mais velhos, penteia os cabelos molhados e trança com fitas os das meninas. Após o jantar sairão à rua, onde o encontro se dará além, muito além dos muros... no espaço imensurável e livre das calçadas.